



Wanderley J. Ferreira Jr.¹

Nietzsche, o caminho para tornar-se o que se é

Resumo: Parte-se de um breve diagnóstico dos tempos atuais apontando para o surgimento de novos paradigmas no campo das ciências e para a massificação e apequenamento do homem na chamada sociedade do controle. Nesse contexto, com Nietzsche, questiona-se as possibilidades do humanismo como força educadora e que papel caberia aos mestres e às instituições de ensino. Conclui-se tomando como fio condutor o lema de Píndaro – "Tornar-se o que se é" – que é retomado em momentos diversos na obra de Nietzsche.

Palavras-chaves: Filosofia - Educação – Pedagogia – Ciência - Humanismo

Abstract: It is based on a brief diagnosis of current times pointing to the emergence of new paradigms in the field of sciences and to the massification and ignorance of man in the so-called control society. In this context, with Nietzsche, the possibilities of humanism as an educating force are questioned and what role should be played by teachers and educational institutions. It concludes by taking as a guiding thread the motto of Pindar - Becoming what if it is - taken up at different moments in the work of Nietzsche.

Keywords: Philosophy - Education - Pedagogy - Science - Humanism

¹ Universidade Federal de Goiás. E-mail para contato: wanderleyf4@gmail.com .

Vivemos ou sobrevivemos?

Nosso tempo cada vez mais desconfia das meta-narrativas totalizantes (ciências, religiões, grandes sistemas metafísicos) que sacralizavam e sacralizam uma determinada ideia de ser, verdade, sujeito, Deus, razão. As experiências traumáticas de duas guerras mundiais, a barbárie nazista que promoveu o extermínio industrial de milhões de pessoas, a massificação e apequenamento do homem na sociedade do controle, jogaram por terra os ideais do triunfalismo cientificista como a ideia de um progresso infinito capitaneado pela ciência. Cada vez mais se questiona se existira progresso na história conforme leis lógicas que poderiam ser compreendidas.

No âmbito das ciências contemporâneas assistimos ao surgimento de novos paradigmas que se opõem a uma visão determinista da natureza e da sociedade. Fala-se não mais da *ordem a partir da ordem*, mas da *ordem a partir do acaso*, de desordens organizadoras, de Princípio de Incerteza e complementaridade (Física Quântica), descobrimos que o *microscópico não é simples, mas complexo*, ou melhor, não existe a estrutura última da matéria, quanto mais aprofundamos no infinitamente pequeno, descobrimos uma realidade que se desdobra em níveis diferentes de complexidade.

Novas tecnologias afetam o processo de produção e exigem um novo perfil de trabalhador. Observa-se uma intelectualização do processo de produção, implicando o uso de tecnologias sofisticadas e outros meios que exigem habilidades comunicativas, cognitivas e flexibilidade de raciocínio do trabalhador. O fato é que os novos paradigmas e as novas formas de agenciamento do saber instauram novos modos de adquirir, armazenar e transmitir conhecimentos que nem sempre são considerados ou compreendidos pelos gestores, professores e alunos em nossas escolas e universidades, muito menos pela população em geral que consome avidamente as novas tecnologias de comunicação. Como realizar a necessária transformação em nossa forma de ser, pensar, sentir e produzir conhecimentos em um mundo cada vez mais esquadrihado pelo cálculo e sob o domínio de uma “inteligência cega” (Edgar Morin), que apenas separa, isola e fragmenta uma realidade que é essencialmente complexa, irredutível ao cálculo e em constante mutação?

Na chamada sociedade do conhecimento repete-se como um mantra a necessidade da educação continuada e permanente, que infelizmente visa mais *adaptar* o indivíduo às necessidades do deus mercado, em vez de humanizá-lo no sentido de sua maior autonomia no pensar, no fazer e no agir com senso de responsabilidade social. As pedagogias do *aprender a aprender* subjacentes à sociedade do conhecimento consideram que a educação deva preparar os indivíduos para se *adaptarem* a uma sociedade em acelerado processo de mudança. O objetivo é formar nos indivíduos as competências necessárias visando sua melhor *adaptação* ao sistema para se tornarem eficientes servidores do Estado e do mercado. O homem converte-se em material humano que deve render o máximo ou ser descartado como *ruído* que compromete a otimização da *performance* do sistema.

Por outro lado, o homem tornou-se Sujeito e tudo no mundo transformou-se em objeto disponível para seus cálculos. A relação do homem com os outros seres passou a ser uma relação de dominação e provocação incessante. Progresso, aqui, significa uma crescente dominação sobre o mundo natural e humano, mediante o poder provocador da Técnica. Paradoxalmente, nesse mundo desertificado pelo cálculo, a ciência banuiu o mistério de toda presença e de todas as distâncias, mas nem por isso nos colocou mais próximos às coisas e de nós mesmos (Cf. HEIDEGGER, 1979b, p. 49).

Hoje uma constatação se impõe: dos genes, passando pelo corpo, pela afetividade, psiquismo, inteligência, imaginação e criatividade, o poder invade todas as dimensões da realidade. Um poder que se objetiva e concretiza e atomiza mediante diversas instâncias como as ciências, o capital, o Estado, as mídias. Com Foucault, podemos dizer que o poder tornou-se sem centro, em rede, reticulado, molecular, atomizado em múltiplas relações complexas que modelam nossa forma de perceber, de sentir, de amar, de pensar, falar e procriar. Nessa perspectiva, o poder não se manifesta apenas como uma força transcendente, ou como forma repressivo-coercitiva, mas é um poder imanente a toda forma de vida e organização.

Nietzsche foi um dos primeiros a mostrar que a vida traz em si potências indomáveis e inesgotáveis que sempre se rebelarão contra o estabelecido, a ordem vigente ou qualquer tentativa de controlá-la ou enfraquecê-la. Mas como podemos pensar uma resistência a essa onipresença e onipotência do poder que tudo controla e monitora? Ora, é a própria vida e a vontade de potência que lhe é inerente e imanente que se recusa a entregar-se à maquinação, ao poder desafiador da técnica. A própria

vida se apresenta como uma reserva inesgotável de forças, sentidos, direções, impulsos, que não se deixam controlar, monitorar, pelas estruturas de comando e dispositivos de controle existentes.

A vida resiste, mas o biopoder a reduziu a um conjunto de funções químicas e biológicas produzindo isso que somos nós: sobreviventes. Esse biopoder, que nos reduz à condição de sobreviventes, não se limita aos regimes totalitários, ele está presente nas chamadas democracias ocidentais e na sociedade de consumo. A maioria demonstra um apego patético pela vida e um horror pela morte. Fomos educados e treinados para preservar a vida a qualquer custo, não importa em que condições, queremos simplesmente sobreviver. Seríamos os “últimos homens” de Nietzsche? (1986) Aqueles que resistem em perecer e prolongam sua agonia numa existência banal afundada no consumismo e em múltiplos prazeres diários momentâneos e passageiros.

Não percebemos a gravidade da situação, não fomos nós que falhamos ou erramos, nós somos a própria falha, nós somos o erro a ser corrigido para que de nossas cinzas nasça um novo tipo de homem, que avalia e quer para além de bem e mal. (Nietzsche, 1986). Tudo que vive, já nos ensinou Nietzsche, quer aumentar seu domínio, não pode se contentar, como esse aviltante animal de rebanho, em apenas sobreviver. Entretanto, na sociedade do espetáculo, do sobrevivencialismo, preferimos ser Sísifo, ou seja, sobreviver realizando uma tarefa inútil e enfadonha, sem sentido. Poucos ousam ser Prometeu e fazer algo de extraordinário, imprevisível, imponderável, irrepetível, verdadeiramente diferente. Temos horror ao verdadeiramente novo, nesse reino da substituição total de tudo e tomado pela inquietação da busca do novo e do mais novo, que sempre confirma nossa submissão a uma existência administrada, tutelada, vazia e nua.

O terrorista a ponto de explodir a si mesmo e os outros, o bandido e o policial que vivem situações extremas colocando-se frente a frente com a morte, não estariam mais vivos que nós, seguros no conforto de nosso lar, domesticados e reféns de nosso próprio medo? Essa vida sem forma, sem grandes tristezas e alegrias do homem comum produz esses seres indiferentes, sem espessura, o homem ordinário, anônimo que tateia sonâmbulo por um caminho que não escolheu. Essa existência afundada no impessoal às vezes tem a ilusão de banir o tédio, a solidão, o nada, com a agitação de bares, festas, igrejas, feiras, convenções, congressos, etc. Locais onde tudo flutua na

indiferença de um mundo entupido de mercadorias cada vez mais substituíveis e virtuais.

Mas o que poderia nos tirar desse transe, desse encantamento pelo progresso, desse esgotamento da vontade, abrindo nossos olhos para o perigo que se apresenta como sinal de bem estar e segurança? A exigência que se coloca agora é repensar os fins e os meios utilizados para formação humana num contexto pós-humanista em que não se pode mais pensar a *formação* como resultado de uma confraria de amigos forjada na leitura de alguns clássicos, que supostamente teriam o poder de “melhorar” o homem.

Com Nietzsche vamos tentar questionar as possibilidades do humanismo como força educadora e recolocar a questão da formação humana como processo de auto constituição do indivíduo no qual ele pode tornar-se aquilo é. Em *Ecce Homo*, um livro no qual Nietzsche fala de si e de sua obra e que, para alguns, indica que o filósofo já estava sob a influência da loucura, lemos:

Quem sabe respirar o ar forte de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto, a solidão é descomunal – mas com que tranquilidade estão todas as coisas à luz! Com que liberdade se respira! Quanto se sente abaixo de si! – filosofia, tal como até agora entendi e vivi, é a vida voluntária em gelo e altas montanhas – a procura por tudo o que é estrangeiro e problemático na existência, por tudo aquilo que até agora foi exilado pela moral. De uma longa experiência que me foi dada por andanças pelo proibido, aprendi a considerar as causas pelas quais até agora se moralizou e idealizou, de modo muito diferente do que seria desejável: a história escondida dos filósofos, a psicologia de seus grandes nomes, veio à luz para mim. (NIETZSCHE, 2008, p. 08).

Para expor sua concepção de filosofia como expressão da dureza, Nietzsche recorre mais uma vez à natureza

‘Tem coragem, irmão meu’? Tem valentia? Não coragem diante de testemunhas, mas valentia de solitário e daquele ao qual nem mesmo um deus faz mais do que ser espectador. As almas frias, cegas, bêbadas, não são para mim corajosas. Tem coração aquele que conhece o medo, mas *tem somente controle* sobre o medo; aquele que olha para o abismo, mas com *orgulho*. Que olha para o abismo, mas com olhos de águia – que com garras de águia prende o abismo: isto constitui a coragem. (NIETZSCHE, 2005, p. 336).

A filosofia é para aqueles que olham para o abismo sem medo da altura, porque trazem dentro de si o abismo e para aqueles que têm o olhar de águia: forte, solitário, panorâmico. A águia é aquela que olha o abismo sem medo, com arrogância, com um olhar desafiador porque traz o abismo dentro de si. A águia remete ao tipo de homem que o ensino de filosofia deve formar. E talhar o homem na dureza do espírito significa ir aos abismos da existência:

o que pode ser amado no homem, é que ele é um passar e um sucumbir. Amo Aqueles que não sabem viver a não ser como os que sucumbem, pois são os que atravessam. Amo os do grande desprezo, porque são os do grande respeito, e dardos da aspiração pela outra margem. Amo Aqueles que não procuram atrás das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que a terra um dia se torne do além-do-homem [...] Amo Aquele cuja alma é profunda também no ferimento, e que por um pequeno incidente pode ir ao fundo [...] Amo todos Aqueles que são como gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem escura que pende sobre os homens: eles anunciam que os relâmpagos vêm, e vão ao fundo como anunciadores. (NIETZSCHE, 2005, p. 38).

O que Nietzsche nos ensina é que a filosofia e seu caráter formativo não significam um bálsamo para nossa dor ou sofrimento. Ela deve nos aproximar do caráter terrível e problemático da própria vida. A filosofia não deve buscar um sentido para vida – mas reconhecer que não há unidade na multiplicidade do devir, não há finalidade ou sentido no devir, e também não há o outro mundo. Suporte isso, erga a taça mais uma vez e inocente a vida com um sim, afirmando "eu quero mais uma vez".

Mas o que tem a nos dizer Nietzsche sobre a formação humana em tempos de indigência e penúria? Que papel caberia aos mestres e instituições de ensino no árduo processo de ajudar o homem a tornar-se o que se é?

As instituições de ensino e cultura sob suspeita

Seria legítimo denunciar, como faz Nietzsche, que a consciência é falsa, não passando de um epifenômeno que de forma alguma esgotaria as possibilidades da realidade e do próprio pensamento? Em que sentido o pensamento de Nietzsche representa um duro golpe para o narcisismo humano, ao sugerir que não há nenhuma

intenção ou finalidade no e para o Universo, muito menos para esse aviltante animal de rebanho chamado homem?

Ora, para Nietzsche o intelecto humano não passaria de um meio, uma espécie de astúcia daquele que é o mais “*infeliz, delicado e perecível dos seres*”, o homem. (Cf. Nietzsche, 1983, p. 45). Desqualificando os valores supremos da humanidade (Ser, Verdade, Unidade, Finalidade) como sintomas de decadência e expressão da vontade dos fracos, o filósofo nos convida a perguntar: *Quem avalia e de onde avalia o que é a Verdade, o Bem, o Bom, etc.?*

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram que morrer? Esta poderia ser uma fábula para ilustrar quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades em que ele não estava, quando de novo ele estiver passado, nada terá acontecido. Pois não há para aquele intelecto nenhuma missão mais vasta que conduzisse além da vida. Ele é humano, e somente seu possuidor e genitor o toma tão pateticamente, como se os gonzos do mundo girassem em torno dele [...] mas se pudéssemos nos entender com uma mosca que boia no ar, veríamos que ela também se sente no centro do mundo. (NIETZSCHE, 1987, p. 67).

Nietzsche denuncia que esse suposto Sujeito pensante cartesiano, que consagra e sacramenta a objetividade do conhecimento, legitima uma moral e sustenta os ideais emancipatórios da razão moderna, encontra-se habitado, não por uma força racional e livre, mas por forças irracionais, inconscientes que foram negligenciadas ou tolhidas durante a formação da *humanitas* no homem constitutiva do processo civilizatório.

O fato é que a filosofia e toda tradição iluminista-humanista, na qual fomos educados, não teriam percebido que as relações do homem com o mundo e consigo mesmo devem ser concebidas de várias perspectivas e através de diversos meios e órgãos, em relação aos quais a *razão*, a *consciência*, não tem nenhum privilégio. É no âmbito dessa crítica aos fundamentos da razão, particularmente a razão técnico científica, que Nietzsche propõe sua “*paidéia*” para nos ensinar a tornamo-nos o que já

somos, para tanto empreendendo uma crítica demolidora às instituições de ensino e cultura da Alemanha de seu tempo.

Em *Schopenhauer como educador* e nas *Conferências sobre os estabelecimentos de ensino na Alemanha* o filósofo expõe sua crítica aos estabelecimentos de ensino da Alemanha do séc. XIX, nos quais a educação não passaria de um sistema que insiste em banir as exceções a favor do medíocre, mediante uma crescente cientificização do ensino que abole o estudo da filosofia, literatura e artes. Ao olhar para as escolas e universidades da Alemanha de seu tempo o diagnóstico de Nietzsche é claro: massificação do ensino, excessiva profissionalização e superficialidade dos currículos, que se preocupavam com a formação técnico-científica, esquecendo a verdadeira cultura (arte, filosofia, literatura, música).

Não se pode negar que, em sua crítica à massificação e tecnificação do ensino na universidade, Nietzsche parte de um pressuposto bastante discutível: haveria uma diferença natural entre intelectuais e trabalhadores braçais. Para o filósofo, somente a classe eleita pela natureza teria o privilégio de frequentar os poucos estabelecimentos de ensino superior cujos docentes, encarados como mestres e guias espirituais, se voltariam para a formação de seus escolhidos. Até que ponto seria legítimo defender, com Nietzsche, que a universidade deva ser o lugar para que uma casta de privilegiados tivesse condições de acesso ao ensino não utilitário, mas voltado para o ócio e para questões filosóficas e estéticas perenes? Mesmo no campo da cultura, há um elemento diferencial, assim como em nossas avaliações. As culturas mais sadias e fortes poderiam criar indivíduos distintos, criativos e mais poderosos, ao passo que culturas fracas e fragmentadas criariam seres medíocres e inferiores. E somente a filosofia e a arte seriam as mestras e redentoras da humanidade, os instrumentos de culturas fortes e sadias.

Infelizmente, hoje, a cultura foi instrumentalizada, massificada por uma indústria cultural e pela própria educação e imprensa que pretendem mostrar fragmentos de uma realidade complexa dispensando o trabalho da reflexão e do pensamento. Em tempos de indigência, nada mais atual e verdadeiro do que a crítica que Nietzsche faz à cultura moderna, um amálgama sem forma de estilos, ideias e obras, lugar de um racionalismo excessivo, de um individualismo egoísta alimentado por um otimismo raso. Em *Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida*,

Nietzsche argumenta que, com a proliferação dos estudos históricos, o homem moderno estava sendo paralisado e esmagado pelo conhecimento histórico (Cf. *Considerações Intempestivas* 2, Prefácio.).

O homem moderno não passa de um aviltado animal de rebanho, de personalidade e caráter fracos. Contra essa decadência, Nietzsche propõe que o estudo da História seja posto a serviço da criação de grandes personalidades e da promoção do renascimento de uma cultura afirmadora da vida, que coloca sob suspeita a história do pensamento como uma iluminação progressiva, que se desenvolve com base na apropriação e na reapropriação cada vez mais plena dos fundamentos últimos da realidade.

Toda essa tradição iluminista-humanista teve como resultado o surgimento do especialista, do erudito microscópico avesso a uma visão filosófica de conjunto. Como consequência, o jornalista tomou o lugar do filósofo, do grande educador. Em tal contexto, as instituições de ensino e cultura orientam seus alunos para uma carreira, uma função no mercado ou um cargo no Estado. Ora, a educação não pode se contentar em apenas instruir, conferir competências e habilidades para um futuro servidor do Estado ou do mercado. Deve se propiciar a formação de mulheres e homens que impulsionam e criam novas possibilidades para a existência humana, fazendo de si mesmos campos de batalha, tubos de ensaios e experimentos. E que cada um saiba que:

Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida – ninguém, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, debes seguir este caminho. Quem foi então que anunciou este princípio: 'Um homem nunca se eleva mais alto senão quando desconhece para onde seu caminho poderia levá-lo'? (NIETZSCHE, 2003, p. 141).

Afinal, o humanismo educa ou domestica o homem?

Não se pode compreender o humanismo antigo sem considerar que ele toma partido em um conflito de mídias – o livro propõe uma resistência contra o anfiteatro,

assim como a leitura filosófica humanizadora, provedora de paciência, prudência, bom senso e criadora de consciência opõe-se às sensações e embriaguez desumanizadoras, impacientes e intolerantes dos estádios. Ontem sacrifícios de cristãos e combates mortais entre gladiadores, hoje shows, festas Raves, Funk, carnaval e, claro, futebol. Para alcançar a *humanitas* em nós é necessário escolhermos os meios pelos quais nossas tendências bestiais sejam superadas pelas tendências domesticadoras-formadoras.

Nesse contexto, denuncia Nietzsche, ocorre o apequenamento do homem.

Em todos os lugares, vejo portões mais baixos [...] Ando por entre esse povo mantendo os olhos abertos. Eles se tornaram menores e ficam cada vez menores – nisso consiste sua concepção de felicidade [...] Alguns deles querem, quanto a maioria porém, outros querem por eles. São redondos, corretos e bons uns com os outros [...] Abraçar modestamente uma pequena felicidade – a isso chamam resignação [...] Querem no fundo ingenuamente uma coisa acima de tudo – que ninguém lhes faça mal...Virtude é para eles aquilo que torna modesto e domesticado – fazem do lobo um cão e dos próprios homens os melhores animais domésticos para os homens. (Nietzsche, 2005, p. 205).

Os homens da atualidade são acima de tudo bem sucedidos criadores que conseguiram fazer do homem selvagem o último homem. O que seria a educação senão um sistema que insiste em banir as exceções a favor do medíocre? O que são escolas, famílias, igrejas senão lugares onde se amansa a besta humana e se ensina, não a viver a vida, mas a sobreviver uma vida bestializada e impotente?

A tese nietzschiana do ser humano como criador, domesticador de seres humanos explode o horizonte humanista. O humanista assume o homem como dado e aplica-lhe então seus métodos de domesticação, treinamento e formação. Nietzsche percebe, contudo, que por trás da domesticação escolar dos homens, descortina-se um horizonte sombrio. Lutas intermináveis surgirão sobre o direcionamento da criação de seres humanos. O fato de o homem ter ficado menor, tornando-se uma besta do trabalho dócil, uma vida nua e vazia, é o resultado de uma política de criação indiscutível.

Os homens conseguiram, com ajuda de uma hábil combinação de genética e ética, criar a si mesmos para serem menores. “Eles próprios se submeteram à domesticação e puseram em prática sobre si mesmos uma seleção direcionada para

produzir uma sociabilidade a maneira de animais domésticos”. (SLOTERDIJK, 2000, p. 40).

Em sua suspeita contra a cultura humanista, Nietzsche considera que o conflito do futuro será a luta entre os que criam o ser humano para ser pequeno e os que o criam para ser grande, pensando e sentindo além de bem e mal e inocentando a vida mesmo na dor e no sofrimento. O que a perspicácia de Nietzsche denuncia, é que a domesticação do ser humano é o ideal inconfessado de toda espécie de humanismo que acredita que pode melhorar o homem via educação. Esse processo de domesticação do ser humano não se deu apenas através da leitura de alguns clássicos. Apesar do poder da leitura para a formação humana, é a seleção (hoje baseada na meritocracia) que opera por trás da proposta de formação do humanismo.

Nesse sentido, podemos afirmar que a *humanitas* não inclui só a amizade do ser humano pelo ser humano via textos, cartas, ela implica também que o homem representa o mais alto poder para o homem.

Schopenhauer – o exemplo de filósofo e mestre

Em *Schopenhauer como educador* (1874), Nietzsche concebe Schopenhauer como exemplo de um pensamento “errante”, criador e exemplar. Esse solitário inconformado é uma fonte de luz em meio ao mundo cinza instaurado pela modernidade, que nos estimula a buscar alternativas em meio à barbárie vigente. Isso mostra a importância que Nietzsche dá à exemplaridade no processo pedagógico que se propõe despertar o gosto pelo experimento, pela invenção e criação nos alunos que serão os autores de uma cultura autêntica. Somente educadores com seu testemunho de vida e pensamento podem forjar as condições de possibilidade de uma educação para um novo tempo e novo tipo de homem com uma nova saúde. “Teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores. Eis aí o segredo de toda formação” (NIETZSCHE, 2003, p. 142).

Tomando Schopenhauer como referência, Nietzsche conclama os educadores para que sejam guias de seus alunos e não meros doutrinadores, melhoradores do homem. O mestre-guia convida o aluno a caminhar por conta própria por caminhos que conduzem a horizontes ainda inexplorados. Temos que abrir mão da tentação de

nos apresentar como gurus, sacerdotes e pastores de nossos alunos, como se tivéssemos a posse de um modelo teórico ou doutrina. Nietzsche desconfia que qualquer teoria ou modelo teórico não passe de “um sistema de meios visando a arruinar as exceções em favor da regra.” (NIETZSCHE, 2003, p. 227).

Para Nietzsche, aquele que não possui o poder de criar e assumir essa vontade de se libertar de toda malha da representação, não sobreviverá. A educação é responsável por fazer brotar em nós esse espírito livre, criador, tentador, dionisíaco e por nos convidar a nos perdermos pelos labirintos da linguagem. Nietzsche proporia, assim, uma Pedagogia da vontade de poder que nos conduziria em direção a nós mesmos em um processo de criação e invenção de novos valores e desafios para além de Bem e Mal. Para ele, o educador necessita de uma formação que esteja além dos estabelecimentos de ensino e que somente a filosofia e a arte podem oferecer. Somente a filosofia pode nos ensinar a criticar a própria crítica e a pensar até mesmo contra nós, despertando em nós o espírito livre, autárquico e desprendido de todas as certezas e convicções.

E para um tempo de cultura geral, sem unidade de estilo em sua vida, Nietzsche recomenda: “tendes antes uma civilização, e então sabereis o que a filosofia quer e pode.” (NIETZSCHE, 1987, p. 32).

Mas afinal, como se chega a ser o que se é?

Em seu livro *Ecce Homo* (1888), um livro autobiográfico no qual o filósofo expõe o seu devir em direção a si mesmo, Nietzsche retoma no subtítulo o lema de Píndaro “*como tornar-se o que se é*”. Lema repetido e retomado em diferentes momentos do percurso do filósofo com diferentes significados. Na realidade, Nietzsche estabelece certa tensão entre a paidéia grega e a ideia de *Bildung*, contrapondo a concepção de formação grega baseada no lema de Píndaro, o torna-te o que tu és, com a concepção alemã de formação humana (*Bildung*).

De forma bastante esquemática podemos dizer que a ideia de *Bildung* (formação ou cultura) articula-se e perpassa três campos de discursos distintos: o campo da filosofia da história, da cultura e do espírito, que alimenta certo neo-humanismo muito fecundo para nossa compreensão do que sejam as ciências

humanas; o campo da pedagogia, particularmente naquelas tendências que insistem em enfatizar o papel formativo das humanidades mesmo diante do triunfo de uma educação mais pragmática, que privilegia a formação técnico-científica; e, por fim, temos as narrativas das novelas de formação (*Bildungsroman*), cujo modelo é *Wilhelm Meister* de Goethe. Tais romances de formação apresentam relatos exemplares do processo de formação de um indivíduo singular, que abandona a segurança do lar e um destino planejado para sair aprendendo na escola da vida, em experiências que o levam em direção a si mesmo.

O fato é que Nietzsche, ao combater o historicismo, a concepção histórica tradicional da cultura, coloca em questão a *Bildung* no campo da filosofia e da pedagogia. Nosso filósofo não perdoa a cultura e as instituições de cultura (escola e universidade) de seu tempo, que teimam em domesticar a besta humana mediante um humanismo adulator, uma cultura rasa, jornalística e a serviço da formação do medíocre, do mais bem adaptado servidor do Estado ou do mercado. (Cf. LARROSA, 2005, p. 52). Nietzsche nos mostra como seria o leitor perfeito “um monstro de valor e curiosidade, e, além disso, uma coisa dúctil, astuta, precavida, um aventureiro e um descobridor nato.” (NIETZSCHE, 2008, p. 47). No seu *Assim falou Zaratustra*, o pensador fala a quem se dirige suas palavras mais sibilinas, mais enigmáticas.

A vós, os audazes buscadores e indagadores, e a quem quer que alguma vez se tenha lançado com astutas velas ao mar terrível, a vós, os ébrios de enigmas, que gozais com a luz do crepúsculo, cujas almas são atraídas com flautas a todos os abismos labirínticos, pois não queres, com mão covarde, seguir tateando um fio ... (NIETZSCHE, 2005, p.190)

Mas o que nos interessa nesse momento é mostrar em que sentido Nietzsche retoma o lema de Píndaro no *Ecce Homo* na tentativa de expor como ele mesmo tornou-se Nietzsche. O pensador retoma alguns momentos de sua vida, diferentes momentos que levaram em direção a si mesmo, de forma não linear ou progressiva. São os acontecimentos posteriores que repercutem sobre os anteriores em um processo de crescente ressignificação retrospectiva. Essa atitude explode a ideia de *Bildung*, que subjaz à tradição humanista.

Um dos primeiros usos que Nietzsche faz do lema de Píndaro está na 3ª *Extemporânea*. Obra destinada aos que ainda têm algo para decidir acerca da sua vida e da própria cultura, *Schopenhauer como educador* incita à inquietação e

desassossego e nos coloca certas exigências e desafios. Nesse texto, para adotar certo distanciamento, Nietzsche aparece com a máscara do viajante...

Ao se perguntar a ele quais traços comuns havia encontrado nos homens, o viajante, que havia visto muitos povos e países e muitas partes do mundo, responde: têm uma tendência geral à preguiça. Alguns pensaram que pudesse ter explicado melhor e com mais certeza: todos são covardes. Ocultam-se atrás de seus costumes e opiniões". (NIETZSCHE, 2000, p. 25)

O viajante, porta voz de Nietzsche na 3ª *extemporânea*, é o expectador do homem que atravessa o mundo sem tomar parte nele. Sob a máscara do viajante, Nietzsche pode olhar o rebanho de fora, como um expectador do espetáculo patético oferecido pela existência vazia do homem-ovelha. O viajante desfaz o que se é, separa o jovem de seu mundo e de si mesmo e o lança a um vir a ser indefinido. O viajante educa pelo exemplo, não porque encarne uma ideia de homem que possa ser tomada como modelo de formação. Ele é o mestre do negativo. Não ensina nada, não quer ser seguido, apenas nos oferece a distância, o horizonte e o impulso para se caminhar rumo a novos horizontes. Mas para isso é preciso a negação, a ruptura, o despojamento, estabelecer o nosso "contra quê".

Toda formação autêntica abre um combate contra seu próprio tempo, é necessariamente extemporânea, e visa desconstruir esse eu cujos desejos, ideias, valores, ações refletem a decadência de uma época indigente. Para chegar a ser o que se é, tem-se que negar o que já se é... Mas o sentido dessa luta contra o presente e contra o eu como sujeito que sou tem um caráter afirmativo. Entretanto, o chegar a ser o que se é não passa pelo *cogito ergo sum* cartesiano nem pela capacidade do sujeito autodeterminar-se pensando por si mesmo sem a tutela de outro. "É sabido que a *Bildung* nietzschiana rejeita o imperativo do conhecer-se a si mesmo e desconstrói [...] o imperativo de 'tenha coragem de servir-se do seu próprio entendimento'". (LARROSA, 2002, p. 61).

Entretanto, ao observar o rebanho humano, independente da cultura, o que se observa é que todos os homens são preguiçosos e covardes. É preciso forjar um novo tipo de homem, amante do que é pouco, das grandes distâncias, que saiba rir, dançar e jogar. Depois de observar o rebanho, Nietzsche desloca sua visão para o interior do animal humano, para tentar compreender a subjetividade, os sentimentos e medos dos indivíduos que formam o rebanho. Todo homem sabe, embora oculte isso a si mesmo

por covardia, que é um exemplar único sobre a terra, que sua existência e seu corpo são singularidades que não se repetirão mais. Infelizmente, a maioria é fraca demais para assumir todas as consequências de ser um indivíduo, um singular, em um mundo massificado no qual o rebanho prefere sofrer junto. Nietzsche estabelece assim uma oposição entre o homem como animal gregário, homogêneo, maciço, intercambiável e domesticável e o homem como ser singular, heterogêneo, particular, único, interior. O processo de subjetivação aqui é uma luta entre o convencionalismo do agrupamento e a ânsia de singularização que o indivíduo tem.

Paradoxalmente, em nossa sociedade do espetáculo invadida por um dilúvio informacional e hiper-realizada pela imagem, o processo de individuação se dá mediante a exigência do sujeito se massificar, se sujeitar às regras e normas da vida social gregária. Contra a indigência dos tempos presentes, reino da substituição total, Nietzsche cria dois personagens: o artista e o filósofo. O artista é o perito da singularidade, o demiurgo que na obra singular confere um novo sentido ao real. Ao expressar a beleza do singular, do único, vai ajudar os indivíduos “bons” dando-lhes uma imagem única de si mesmos.

Somente os artistas odeiam este indolente deixar-se ir por força do convencionalismo e opiniões prestadas e descobrem o secreto, a má consciência de cada um. Saber que cada homem é um mistério único. Atrevem-se a nos mostrar o homem tal como é até em seus movimentos musculares, tal como ele é só ele é. E não apenas isso, mas também que formoso e digno de consideração, novo e inviolável como toda obra da natureza, e de modo algum aborrecido, em consequência estrita de seu caráter único.(NIETZSCHE, 2000, p. 25-26.).

O filósofo é o mestre da generalização e do juízo e pode ensinar ao homem a arte da valoração, ou seja, o grande desprezo. “Quando o grande pensador despreza os homens, despreza sua preguiça, toda vez que precisamente por causa dela parecem mercadorias feitas em série, seres indiferentes, indignos de serem tratados e educados” (Idem.). O filósofo é, pois, aquele que denuncia nossa covardia e medo de sermos únicos, singulares em meio à massa, ao grande número que pasta solene nas planícies, acreditando que é possível uma felicidade para todos.

Na perspectiva de Nietzsche, o homem que não quer pertencer à massa só necessita deixar de comportar-se comodamente consigo mesmo e obedecer à sua consciência que lhe grita: “Sê tu mesmo. Tudo o que agora fazes, opinas e desejas,

nada tem a ver contigo”. (NIETZSCHE, 2000, p. 25.). Na realidade, o filósofo, com suas avaliações impiedosas sobre sua época e seus valores, permeadas de chamadas exaltadas para a liberação, está em busca de uma ética da autenticidade, que não se reduza à definição das normas de comportamento ou a uma lista das virtudes. No caso, trata-se de uma ética que tenha coragem de colocar a questão crucial do que fazer com nossa vida, com a existência humana, sabendo que tudo é contingência, acaso carente de sentido e necessidade. O indivíduo não pode mais confiar no Estado, na religião, na sociedade, devendo encontrar seu próprio caminho na solidão consigo mesmo.

Em *Ecce Homo*, Nietzsche fala da 3ª *Consideração extemporânea* como sendo o lugar onde ele expõe o seu devir ou processo de tornar-se Nietzsche. “... em *Schopenhauer como Educador* está inscrita minha história mais íntima, meu vir a ser. Sobre tudo, meu voto solene ... Oh! Quão longe ainda eu me encontrava, eu, então, do que sou hoje, do lugar em que me encontro hoje”. (NIETZSCHE, 2008, p. 58). Na exposição de seu itinerário a si mesmo, Nietzsche aponta os perigos mortais que um homem deve superar para se chegar a ser o que se é. Uma vez apontados esses perigos surge a questão pelo valor da vida. Mas para justificar a própria vida temos que perguntar: “Lanças no mais fundo do teu coração esta exigência? Queres ser seu porta voz, seu salvador? Um único e verdadeiro sim de sua boca, e a vida, sobre a qual tão graves acusações pendem, ficará absolvida.” (LARROSA, 2002, p. 62). A questão de fundo aqui é como podemos nos formar contra nossa própria época.

O lema de Píndaro aparece também em dois fragmentos da *Gaia Ciência*. O parágrafo 270 repete o imperativo de Píndaro e, assim como na 3ª extemporânea, ele aparece como um *dictum* da consciência: “Que diz sua consciência? – Deves vir a ser o que és.” (NIETZSCHE, 2001, p. 157). Ora, para nos tornarmos aquilo que somos temos como tarefa realizar uma transvaloração de todos dos valores e buscar uma afirmação da vida, do homem e de si mesmo para além dos humanismos e suas doutrinas de domesticação do homem. No parágrafo 335 de *Gaia Ciência*, Nietzsche retoma o lema de Píndaro:

Viva a física, quantos homens existem, que sabem observar? E entre os poucos que o sabem – quantos se observam a si mesmos. Cada um é para si mesmo o mais distante – isso sabem, para seu desassossego, todos os que põem à prova [...] A máxima – conhece-te a ti mesmo é colocada na boca de um

deus e dirigida aos homens, quase uma maldição. (NIETZSCHE, 2001, p. 157).

Para Nietzsche, há uma consciência atrás da consciência, que são as condições genéticas de fabricação: insultos, inclinações, experiências e in experiências constituem o fundo inconsciente da consciência. Nesse sentido, o que a consciência diz no lema de Píndaro possui pressupostos que devem ser desmascarados e desmontados. Para o filósofo, temos diversas formas de seguir o *tu debes* imposto pela consciência no lema de Píndaro, e muitas dessas maneiras refletem o trabalho de forças reativas: falta de ânimo, individualidade, convencionalismo, vaidade. São as forças reativas do animal gregário que avaliam a partir do que é baixo e vil, que constroem a má ficção do imperativo categórico, do egoísmo enfermo, do egoísmo que não passa de cegueira, mesquinhez e debilidade de espírito.

Mas queremos chegar a ser o que somos – os novos, os únicos, os incomparáveis, os que se dão leis a si mesmos, os que acreditam em si mesmos. E para isso temos que chegar a ser os melhores aprendizes e descobridores de todo o legal e necessário no mundo: temos que ser físicos, para sermos criadores. (NIETZSCHE, 2001, p. 194).

Mas o chegar a ser o que se é não reflete apenas uma vontade que nega a vida e que avalia a partir do vil, do baixo. O lema de Píndaro pode ter um caráter libertador, conclamando-nos a fazer de nossa vida uma obra de arte, gratuita, irrepetível, singular, única – a existência como criação artística no processo de auto constituição do homem. Para chegar a ser o que somos temos que ter numa das mãos a física, a máquina de distinguir e destruir impiedosamente e na outra, a capacidade de criação, a arte.

“Só é necessário uma coisa – Imprimir estilo a seu caráter, é uma arte com que raras vezes tropeçamos.” (NIETZSCHE, 2001, p. 197). E em outro aforismo, intitulado “O que se deve aprender dos artistas”, Nietzsche afirma: “entre eles habitualmente acabava essa sua sutil força ali onde acaba a arte e começa a vida, porém nós queremos ser os poetas de nossa vida e, em primeiro lugar, do menor e do mais cotidiano.” (NIETZSCHE, 2001, p. 173). O “chegar a ser o que se é” dependeria então de uma espécie de vontade de arte, que tem como matéria prima a própria vida em sua singularidade e que deve ser cultivada, informada, esculpida como se fôssemos escultores imprimindo uma bela forma em um bloco de mármore. Nesse sentido, podemos dizer que a *Bildung* em Nietzsche assume uma dimensão estética ou

poética, no sentido da *poiesis*, criação artística do indivíduo no árduo processo de ir ao encontro de si mesmo.

É importante ressaltar que o "chegar a ser o que se é" não descreve um processo de chegar a ser que conduziria a um resultado, o que se é. O devir, o vir a ser, conforme a ideia do eterno retorno, não flui no ser, não há um substrato, uma substância, um sujeito, um ego que devém nesse tornar-se o que se é. O vir a ser deve ser afirmado como puro devir, no qual o que devém é o próprio devir. E esse "o que se é" não é agora nenhuma realidade ou ideal a ser alcançado. O "chegar a ser o que se é" não implica nenhuma atualização de essências ou potencialidades preexistentes. O que se é não remete à unidade, mas à multiplicidade, à singularidade múltipla que é a obra de arte e que deveria ser a própria vida.

O que somos e que temos que chegar a ser não é um objeto, um ideal, uma realidade objetiva ou subjetiva, ou uma ideia a ser realizada. Tornar-se o que se é, é mais que um processo que ocorre tendo como suporte um eu, uma subjetividade, sujeito, corpo, etc. Isso significa uma invenção de si. Tornar-se o que se é, implica um deixar de ser isso que somos, um aviltado animal de rebanho que se curva sob o peso de suas virtudes degradadas. O homem é um animal de invenção, que se recusa a ver o fato tal como ele é. Daí, quando se trata do homem, não se pode distinguir realidade e ficção, mas entre má ficção (que nega a vida) e a boa ficção, *são*, que determina a relação do homem com a própria vida e os valores. "Haveria então uma ficção má, temerosa e negadora da vida, e uma ficção boa, afirmativa, produtora de novidade, de intensidade, criadora de possibilidade de vida." (LARROSA, 2002, p. 66).

O "chegar a ser o que se é" também não implica um processo de autoconhecimento, descobrimento ou realização que um suposto sujeito poderia direcionar conforme determinados princípios, normas, valores, estudos, teorias. Mais que um processo de auto realização do sujeito, o "tornar-se o que se é" exigiria uma invenção de nós mesmos. Não é um processo dirigido pela liberdade criadora de alguns gênios ou sujeitos capazes de criar a si próprios. Essa invenção exige o apelo à experiência, experimentação, a transformação da existência em um campo de batalha.

A experiência remete ao que acontece em nós e conosco, como nos colocamos em jogo. Se nos reportarmos ao sentido etimológico de experiência,

veremos que o termo remete a uma espécie de passagem. Contém um “ex” – de exterior, do exílio, do estranho, do êxtase; mas contém o “per” – de percurso, do passar através, de viagem na qual o sujeito se reinventa e se experimenta. É óbvio que isso implica um perigo, um risco inerente a todo percurso e caminhar sem rumo, sem meta, sem ponto de chegada.

Na perspectiva de Nietzsche, o grande inventor-experimentador de si mesmo é o sujeito sem identidade real nem ideal, o sujeito capaz de assumir a irrealidade de sua própria representação, submetendo-se a um movimento incessante ao mesmo tempo destrutivo e construtivo. Tornar-se o que se é, implicaria, então, esse desprender-se de si, esse perder o rosto, essa aceitação que não sou uma *res cogitans* ou uma alma enclausurada em um corpo. No âmbito da experimentação não há sujeito como substância, há algo em constante transformação de si. Assim, tornar-se o que se é não implica em chegar a um resultado no qual eu poderia me considerar pronto e acabado, ao contrário, é assumir-se como contingência, inacabamento, como puro devir, no qual o que devém é o próprio devir.

O lema de Píndaro aparece também em dois momentos no *Assim falou Zaratustra*. Não podemos esquecer que o *Assim falou Zaratustra* é o relato de como o personagem Zaratustra, através de uma série de experiências e metamorfoses, converte-se naquilo que é. É importante observar que o lema de Píndaro é pronunciado por Zaratustra em um momento em que ele já não se considera o mestre do além-homem, mas o profeta do eterno retorno. É como se o sábio soubesse que sua compreensão do além-homem ainda estava contaminada por uma perspectiva histórico-antropológica que colocava o além-homem como uma meta, um ideal, uma possibilidade, um telos ou um progresso que se ofereceria aos homens depois da morte de deus e da transvaloração de todos os valores. Agora o que importa não é a superação do homem pelo além-homem, mas pensar o eterno retorno como metáfora da afirmação da vida enquanto criadora de valores, o que nos remeteria ao conceito de vontade de potência.

Aqui o "tornar-se o que se é" exige a aceitação do eterno retorno e a afirmação incondicional da vida. Entretanto, a afirmação do eterno retorno não implica a compreensão e aplicação de uma doutrina ou princípios e normas que direcionem nosso comportamento para um determinado fim. Essa afirmação não implica um saber ou sistema, mas coloca em jogo nosso corpo, instintos e paixões. É por isso que a

conversão naquilo que se é não se resolve com doutrinas, mandamentos, coerções internas ou externas, mas no silêncio do pensamento abismal do eterno retorno que é indizível e irreduzível a um conceito, a uma demonstração ou sistema. Só podemos experimentá-lo, esse mais pesado dos fardos, com tudo que temos de carne, sangue, paixão.

Em *A oferenda do mel*, Zaratustra retoma o lema de Píndaro no âmbito de uma nova relação entre o profeta e os homens. Agora Zaratustra não fala para todos os homens, como quando falou em praça pública anunciando a morte de Deus e o advento do além homem, tendo que se retirar diante da incompreensão da turba. Zaratustra também não fala para seus discípulos, para aqueles que um dia acreditou serem companheiros na criação de novos valores, mas que também teve que abandonar pois apenas queriam algo para crer. Doravante, o profeta vai falar para o futuro – para o que não se sabe, para o que não se pode antecipar, nem prescrever e que estaria fora de qualquer projeto. E o que diz:

Hoje pesco para mim com minha melhor isca os peixes mais raros [...] Lanço longe mesmo minha felicidade [...] para observar se muitos peixes humanos aprendem a puxar e morder minha felicidade. Até que, mordendo meus afiados anzóis escondidos, necessitem subir até minha altura [...] Porque eu sou desde a raiz e desde o começo [...] alguém que puxa, que cria, corrige, que não em vão se diz a si mesmo, já faz tempo: Chega a ser o que és. Portanto, que subam agora os homens até mim.” (NIETZSCHE, 2005, p. 161).

O *dictum* de Píndaro é agora a mensagem de um mestre que não diz nada e que não se dirige a ninguém. Zaratustra não quer ser pastor de uma nova fé, ele quer ser uma exigência nova. Ele não tem nenhuma verdade para bradar, ele gera uma tensão. Zaratustra sabe que aqueles que oferecem uma fé, uma verdade, um saber, mentem que são bondosos, mas só querem oprimir e criar discípulos ou crentes. Zaratustra quer nos ensinar a tornarmo-nos o que somos: campos de batalha, experimentos que testam os limites da vida abrindo novos horizontes, instaurando novas formas de ser e estar no mundo. A natureza desse verdadeiro mestre, o tom sibilino de sua mensagem e a seletividade dos destinatários são desveladas numa passagem do prefácio de *Ecce Homo* quando Nietzsche se refere ao seu Zaratustra:

Aqui não fala nenhum profeta, nenhum daqueles arrepiantes híbridos de doença e vontade de potência que são chamados

fundadores de religiões. É preciso mais que tudo saber ouvir corretamente o tom que vem dessa boca [...] As palavras mais quietas são as que trazem a tempestade, pensamentos que vêm com pés de pomba dirigem o mundo [...] Aqui não fala nenhum fanático, aqui não se prega, aqui não se exige crença: de uma infinita plenitude de luz e profundidade de felicidade cai gota por gota, palavra por palavra – uma delicada lentidão é a cadência desse falar. Algo assim só chega aos mais seletos.” (NIETZSCHE, 2008, p. 9)

Zaratustra, como verdadeiro mestre, tem o tempo, a solidão e silêncio do pescador que fiska seus peixes não para torná-los discípulos, mas para lançá-los além de si mesmos ajudando a cada um a se tornar o que se é.

Conclusão

A tentativa de apreender algum aspecto do pensamento de Nietzsche, através da eleição de noções ou temas supostamente fundamentais, corre o sério risco de se tornar estéril diante de sua forma de expressão fragmentária, aforismática e metafórica. Que sentido teriam todas essas *marteladas* contra a moral, a religião, a metafísica, a cultura e as ciências? Existiria um alvo privilegiado para os dardos de nosso filósofo? Sim, *os valores supremos de nossa civilização*. Nietzsche coloca sob suspeita tudo que até hoje se venerou e amou como o Bem, o Belo e a Verdade, desmascarando esses grandes ideais como sintomas de decadência, fraqueza e aviltamento do que há de nobre e forte no homem. E a filosofia, como vimos, teria para Nietzsche uma tarefa especial – *a educação superior da Humanidade*, o que exigiria uma *transvaloração de todos os valores* até então consagrados. Ora, essa *paidéia* nietzschiana não visa à melhoria das massas, mas ao aperfeiçoamento de um tipo novo de homem. Um homem que está para além de Bem e de Mal. O próprio Nietzsche reconhecia que seus escritos eram uma *escola de suspeita* contra tudo que até então se venerou e idolatrou. Nosso filósofo gostava de comparar seus escritos com o ar rarefeito das grandes altitudes, um ar fatal para os pulmões frágeis do homem de natureza bovina acostumado a viver na planície.

A *paidéia* nietzschiana, portanto, busca um novo tipo de homem forjado com um outro tipo de sentimento e conhecimento e com outra coragem. Ela propõe um exercício de formação que se alimenta, assim como a própria filosofia, da andança

pelo lado proibido e problemático da existência, do ar rarefeito das grandes altitudes feito para os raros.

Se observarmos o itinerário do lema de Píndaro na obra de Nietzsche veremos que o filósofo não tem a pretensão de revelar um caminho, um método para se chegar à verdade sobre si. Não há um caminho pronto, traçado de antemão pelas doutrinas, religiões, morais, que pudesse nos levar a nós mesmos. O caminho para tornar-se o que se é tem que ser reinventado a cada instante em meio à contingência, à gratuidade e aos acasos inerentes à vida. E definitivamente a razão e seus nobres ideais de formação humana não pode ser aqui considerada um guia confiável com seus métodos, imperativos e princípios. Para Nietzsche, os instintos devem nos guiar por esse labirinto repleto de incertezas e homens de convicções que se colocam como gurus vendedores de mapas.

É importante reafirmar ainda que no processo de tornar-se si mesmo não há um sujeito ou eu que se desdobra sobre si, ampliando o conhecimento de si mesmo. Esse ir em direção a si mesmo não é um caminho previamente aberto que nos levaria a uma essência ou eu escondido. Atrás de um véu sempre há outro véu, atrás de uma máscara outra máscara. O tornar-se o que se é exige uma invenção e não uma descoberta, uma conquista e não uma realização, exige um criar-se a si mesmo como o artista cria sua obra.

Mas como seremos artistas de nós mesmos? A primeira regra é seguir o próprio instinto, deixá-lo trabalhar inconscientemente, preparando qualidades e capacidades singulares. O trabalho em direção a nós mesmos começa inconscientemente e por muito tempo a consciência ignora o trabalho secreto dos instintos. Assim, para tornamo-nos aquilo que somos, não precisamos aderir conscientemente a princípios morais, seitas, religiões, mestres. Não temos que saber onde o caminho nos leva, temos que saber perder tempo, vagabundear, não lutar ou nos esforçarmos por nada concreto, não propor, nem aspirar nada. Apenas fazer do próprio corpo um instrumento de intensificação da vida, de experimentos que certamente chocarão o rebanho.

A segunda regra nessa caminhada em direção a nós mesmos é ter mestres, mas sem se identificar com eles assumindo suas verdades, seus vícios, seus medos. Na verdade, devemos aprender a suspeitar dos mestres e saber o momento certo de

abandoná-los e até mesmo nos perder. Afinal, não é isso que nos ensina o profeta do além-homem e eterno retorno?

Sozinho vou agora, meus discípulos! Também vós ide embora, e sozinhos! Assim quero eu [...] Afastai-vos de mim, defendei-vos de mim! E, melhor ainda, envergonhai-vos de mim! Talvez vos tenha enganado. O homem do conhecimento não precisa somente amar seus inimigos, precisa também odiar seus amigos. Paga-se se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas o aluno. Vós me venerais, mas, e se um dia sua veneração desmoronar? Guardai-vos para que não vos esmague uma estátua [...] Sois meus crentes, mas que importa toda crença! Ainda não vos havíeis procurado, então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes. Agora vos mando me perderdes e vos encontrardes, e somente quando me tiverdes todos renegado, eu retornarei a vós [...] Com outros olhos eu procurarei os meus perdidos [...] Com um outro amor, eu vos amarei então [...] Quem tem ouvidos, que ouça. (NIETZSCHE, 2005, p. 105.)

Referências bibliográficas

- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Trad. E. Stein. SP: Abril cultural, 1987.
- _____. *Nietzsche*. Trad. par P. Klossowski. Paris: Gallimard, 2v. 1971.
- _____. *Sobre o Humanismo*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. *Ecce Homo*. Trad. Artur Morão. Covilha: Universidade Beira Rios, 2008.
- _____. *Genealogía de la Moral*. Tradução: Trad. Andrés Sanchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- _____. *O anti-cristo*. Trad. Carlos José de Menezes. 5ª ed. Lisboa/ Rio de Janeiro: Guimarães Editores/ Livraria Camões, 1978.
- _____. *Schopenhauer como educador*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.
- _____. *Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, pp. 45-46 (Os Pensadores vol. Nietzsche)
- _____. *Escritos sobre Educação*. Trad. Noéli Correia de M. Sobrinho. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora PUC Rio e Edições Loyola, 2003.
- _____. *Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Antônio M. Magalhães. Porto: Rés, s/d.
- DUARTE, Newton. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?* Campinas: Autores Associados, 2003.
- FERREIRA JR, Wanderley J. . *Universidade na era da técnica – tarefas e desafios. APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*. Ano – VI, n. 10, jan./jul. 2008. Vitória da Conquista: Ed. Uesb, 2008, p. 223-254.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GIACOLA, Oswaldo. Corpos em fabricação. *Natureza Humana*, 5 (1), pp. 175-202, jan.-jun. 2003.
- HUSSERL, Edmund, *Le Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendental*. Gallimard, Paris, 1976.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a Educação*. (Traduzido por Alfredo Veiga –Neto). Belo Horizonte: Liberdade, 2002.
- MARTON, Scarlett: *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 2006.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Recebido em 06.10.2017.

Aceito para publicação em 20.10.2017

© 2017 Wanderley J. Ferreira Jr. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).